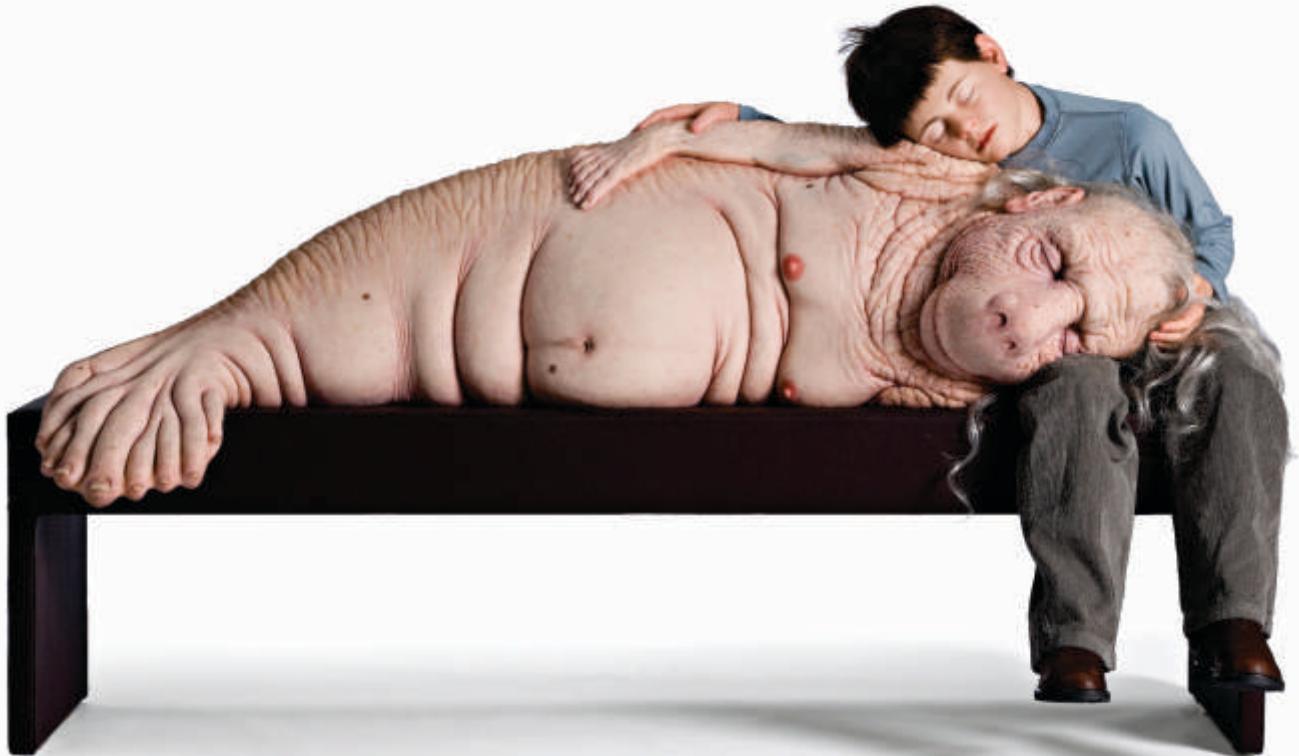


Ministério da Cultura apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina

comciência

PATRICIA PICCININI



CCBB Educativo 2015
Ações Mediadas

Patricia Piccinini

O tão esperado (The long awaited), 2008

Silicone, fibra de vidro, couro, cabelo humano, roupas

92 x 151 x 81 cm

Foto Graham Bearing



Binômio é uma palavra que inicia com o prefixo *bi*, que quer dizer “dois” – como bicampeão, duas vezes campeão – junção de nomes, soma de significados. A exposição **COMCIÊNCIA - PATRICIA PICCININI** carrega, já em seu título, um duplo sentido, conectando a Ciência com a forma de pensar e sentir, a Consciência. *Scio* é um verbo em latim que quer dizer “saber”. Ciência era escrito com S, mas, em uma reforma ortográfica do século XX, perdeu essa letra. Contudo, a palavra ciência não pode deixar de trazer, em sua essência, a clareza do que é sabido. As obras de Piccinini têm algo a ver com perceber e pensar sobre o que a ciência faz e/ou pode fazer. Estamos na porta do futuro, criando seres e misturando formas. Como vamos agir frente ao que nos é diferente? Como você se comporta quando se depara com pessoas que pensam de forma distinta da sua? Precisamos ser todos parecidos? Olhe bem.

Piccinini desenha criaturas que poderiam ser resultados de experiências genéticas – engraçadas, estranhas, poéticas e monstruosas, mas com uma enorme humanidade e bondade no olhar. A artista propõe uma experiência de aproximação e afeto. Suas esculturas criam um cenário de perguntas, onde cabe a cada espectador encontrar sua resposta.

Com esta mostra, o CCBB mais uma vez propõe ao público refletir e rever atitudes em relação à arte e à realidade.

ESCULTURA

A definição tradicional de escultura envolve objetos artísticos em três dimensões: comprimento, largura e altura. Tamanho, textura, luz, sombra, cor e matéria-prima são outros importantes elementos do projeto. Mas, hoje, o conceito de escultura mudou um pouco. A escultura passou a ser entendida como uma arte criada para um ambiente aberto ou fechado, de modo que possamos interagir com ela usando nosso corpo, circulando no espaço onde ela está.



Há muito tempo, as esculturas eram objetos sólidos. Os egípcios representavam pessoas importantes, como os faraós, em esculturas de pedras. Essas figuras humanas pareciam “robôs”, porque a pedra não era cavada entre o corpo e os braços e, entre as pernas e a coluna, ficava reta.

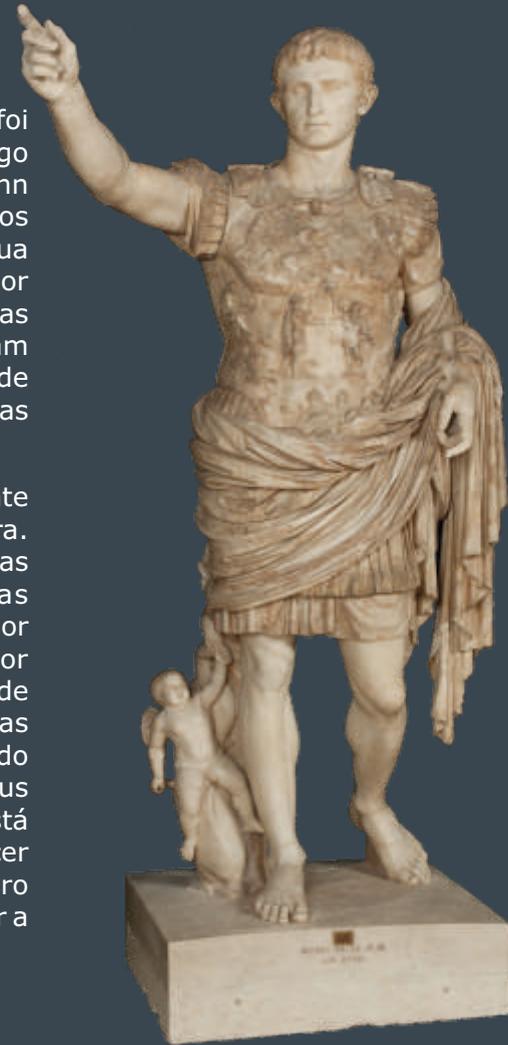
Experimente ficar em pé com a coluna reta. Observe que normalmente dobramos um dos joelhos, e isso faz com que a coluna, o eixo, forme um S, e a cintura e os quadris fiquem desalinhados. No fim do século VII a.C., os gregos começaram a copiar a forma das esculturas egípcias e as aperfeiçoaram. Eles perceberam essa postura – que na história da arte é chamada de contraposto – e a aplicaram na escultura, fazendo o corpo esculpido parecer natural. Os gregos rompem com o modelo egípcio da frontalidade, possibilitando que as esculturas sejam vistas de todos os ângulos.

Policleto (c. 480 ou 475-420 a.C.)
Doríforo, c. 450-440 a.C. (cópia romana)
Mármore, 212 cm de altura
Museo Archeologico Nazionale, Nápoles, Itália

A ideia de que as esculturas eram em mármore branco foi construída por um importante historiador e arqueólogo alemão, respeitado em toda a Europa no séc. XVIII, Johann Joachim Winckelmann. Ele encontrou restos de pigmentos coloridos nas obras da Antiguidade, mas ocultou sua descoberta. Winckelmann mudou a história da arte. É por isso que as esculturas greco-romanas aparecem brancas em filmes, livros e museus. As pedras esculpidas eram pintadas: o globo ocular era escuro, a boca, pintada de vermelho, os cabelos, os enfeites e as roupas traziam as cores primárias (vermelho, amarelo e azul).

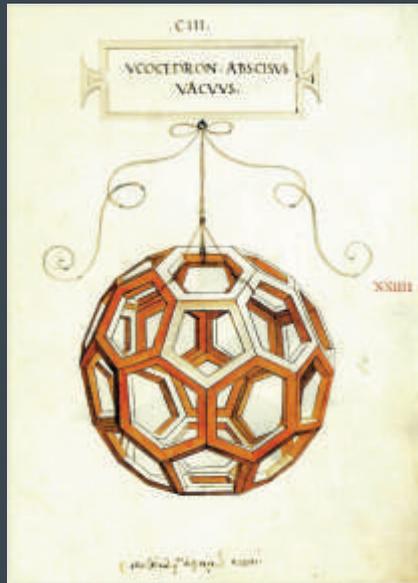
Quando os gregos foram dominados política e militarmente pelos romanos, influenciaram na sua arte e cultura. Devemos aos romanos as cópias de esculturas e pinturas gregas de diversos períodos. Por essa razão as denominamos greco-romanas. O retrato do imperador Augusto (63 a.C.-14 d.C.) mostra como um escultor romano trabalhou tendo como modelo a escultura grega de Doríforo de Policleto. Observe as semelhanças, como as proporções do corpo e a posição dos pés. A figura do imperador devia transmitir respeito e admiração a seus súditos. A posição do braço lembra alguém que está conduzindo seu povo. Um imperador não podia aparecer nu, então o artista o cobriu com uma couraça. Doríforo aparenta serenidade, enquanto o imperador parece saber a quem se dirige.

Augusto de Prima Porta
Mármore, 203 cm de altura
Museus do Vaticano, Itália



BELO

Foi na Grécia que os filósofos começaram a refletir sobre o que é o belo. Para Sócrates, o belo era o bom. Era aquilo que cumpria sua função, mas obviamente o que é funcional para uma pessoa pode não ser para outra. Por isso, Platão, seu discípulo, acreditava que o belo estaria na essência das coisas, e não na aparência. Sócrates não era belo, mas sua essência, sim. Como as aparências podem nos enganar, Platão encontrava beleza nas formas geométricas, porque elas são baseadas na matemática, uma ciência exata.



O que chamamos de belo clássico na arte greco-romana define-se com base em um ideal de perfeição, harmonia, equilíbrio e graça que, nas esculturas, é representado pelo sentido de simetria e proporção.

Os gregos faziam esculturas de seus deuses, filósofos, governantes e atletas dos jogos olímpicos. O curioso é que as imagens restantes desses últimos são dos perdedores. Isso porque os gregos esculpiam os atletas antes que eles partissem para Olímpia, cidade onde aconteciam as competições. Se o competidor voltasse vencedor, sua escultura ficava exposta na cidade. A escultura de quem perdia era enterrada e, graças a isso, muitas sobreviveram às guerras e ao tempo.

Da Vinci (1452-1519)
Sólido platônico Ycocedron

BEM X MAL

A Idade Média foi um fenômeno cristão e ocidental, que marcou o início da expansão da Igreja na Europa. Ao contrário dos gregos e romanos, que valorizavam o corpo perfeito, a fase inicial da Idade Média rejeitou a beleza do corpo humano como forma de representação. A produção artística perde a preocupação com proporção, volume e profundidade. O corpo não é mais considerado como imagem e semelhança de Deus, e sim, um peso, a parte do homem relacionada ao pecado. O Papa Gregório Magno, no século V, diz que "o corpo é a abominável moradia da alma". É o período em que as termas e o esporte desaparecem.

As competições, como as Olimpíadas, deixam de existir. O esporte é substituído pela preparação militar para o combate. O tema tratado na produção artística passa a ser a vida dos santos, a educação espiritual. O espírito, o imaterial, agora é o assunto mais importante. Monstros e figuras estranhas e assustadoras aparecem na arte como representação dos seres diabólicos do inferno, intimidando os fiéis para evitar que pequem.



*Monstro devorador de homem,
capitel da Igreja São Pedro em
Chauvigny, séc. XII*



O HOMEM COMO MEDIDA

No Renascimento, os pensadores e artistas olharam para o homem novamente, inspirados pelos ideais gregos e romanos e por um novo espírito científico de observação. As formas das esculturas voltaram a parecer naturais. Michelangelo (1475-1664) chegou a dissecar cadáveres para entender o sistema muscular e retratar o corpo humano de modo realista. Ele criou esculturas para igrejas que parecem mais atletas do que santos ou deuses. Moisés foi projetado como uma das esculturas do túmulo do Papa Júlio II. Diz a lenda que, ao finalizar a obra, Michelangelo golpeou-a no joelho com a marreta e gritou: 'Fala!'. Os chifres na cabeça de Moisés são referência a uma passagem do Antigo Testamento, do Livro do Êxodo 34: 29. "Ao descer do monte Sinai com as duas tábuas da aliança nas mãos, Moisés não sabia que seu rosto resplandecia por ter conversado com o Senhor". Em algumas versões, está escrito: "a pele da sua face emitia raios por ter falado com Ele". O termo "raios" era traduzido como chifres. Por isso, os artistas medievais representavam Moisés com um par de chifres, símbolo da elevação, do poder.

Michelangelo (1475 - 1564)
Moisés

REVOLUÇÃO

No século XIX, Auguste Rodin revolucionou o ato de esculpir. Uma das coisas que fez foi mostrar o processo da escultura. Ela não precisava mais ser lisa. Ele revelou as marcas de seu fazer.

Até 1910, os artistas tinham a realidade concreta como inspiração e modelo – objetos, pessoas, animais, plantas etc. A partir desse momento, os pintores e escultores deram um novo passo, passando para a abstração, a arte sem representação.

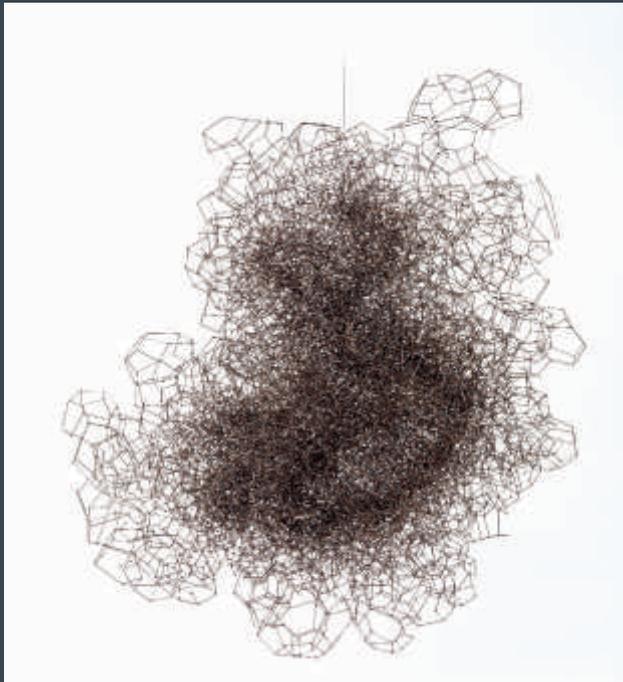


Rodin (1840-1917)
Torso masculino, 1877
Bronze, 52,8 x 27,9 x 19,8 cm
Musée du Petit Palais, Paris

CONTEMPORÂNEO

Antes, as esculturas eram sólidas e compactas. Hoje, não existe mais regra. Observe as esculturas do artista inglês Antony Gormley. Uma é vazada, podemos inclusive ver através dela, e a outra é feita do agrupamento de pequenos blocos de vários tamanhos – diferente da escultura em pedra lá de seus primórdios, que nascia de um único bloco.

Existem esculturas até sem matéria! É o caso das esculturas sonoras, criadas apenas para que as escutemos enquanto circulamos pelo espaço. Essas obras são percebidas somente pelos ouvidos e pela reverberação do som no ambiente.



◀ **Antony Gormley** (1950)

Drift III, 2008

Barra de aço inoxidável de

2 mm em secções

2,64 x 175 x 2,13 m

▶ **Antony Gormley** (1950)

Habitat, Anchorage, 2010

Instalação permanente

Anchorage Museum at the Rasmuson



Ao longo dos tempos, novos materiais e tecnologias despertaram o interesse dos artistas. O tema das esculturas também foi ampliado. Se, na Antiguidade, as esculturas mostravam pessoas importantes, deuses, figuras mitológicas e cenas do cotidiano, agora os artistas têm liberdade de tratar de qualquer assunto. As obras apresentam questões políticas, sociais e de gênero. O que as pessoas sentem, como vivem, como a tecnologia as afeta são temas discutidos pelos artistas de nosso tempo. Outras vezes, o escultor apenas explora formas, cores e relações espaciais.

A arte contemporânea combina diferentes linguagens, materiais e meios. O **hibridismo** é um termo usado na **arte** para designar que não existem limites. Pode-se misturar, por exemplo, escultura e música com o campo da arquitetura e os saberes da informática.

Na biologia, diz-se que é **híbrido** um organismo formado pelo cruzamento de dois progenitores de raças, linhagens, variedades, espécies ou gêneros diferentes, o qual frequentemente é estéril. O exemplo mais conhecido é o burro ou a mula, cruza entre o cavalo e a jumenta ou entre a égua e o jumento. Nas plantas, o hibridismo – natural ou manipulado – é muito comum. O termo híbrido também pode ser usado para definir palavras formadas por línguas diferentes, como bicicleta: *bi* (dois em latim), *cicle* (círculo ou roda em grego), *eta* (sufixo italiano que indica diminutivo *etta*).

Agora você é o cientista desse laboratório:



+



=

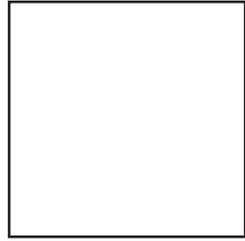




+



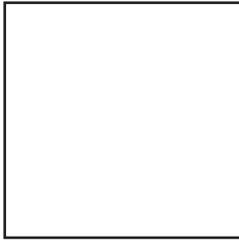
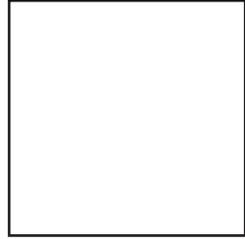
=



+



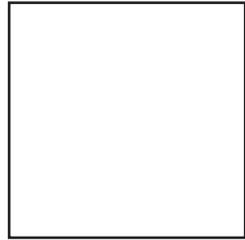
=



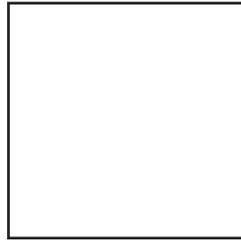
+



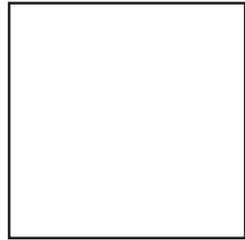
=



+



=



Os homens de muito tempo atrás já viviam com os seres híbridos. As esculturas e pinturas dos deuses do Egito eram, em sua maioria, misturas de animais com homens.



[RÁ]

Responsável pela criação do mundo, representa o Sol.

Ele é descrito com a face de uma ave de rapina.

Os egípcios acreditavam que seu rei (o faraó) era a encarnação de Rá.

[ANÚBIS]

O deus com cabeça de chacal.

Foi ele quem criou a primeira múmia ao preparar o corpo do pai Osíris.

Tem papel importante na passagem para o mundo dos mortos.



[BASTET]

Representava os poderes benéficos do Sol.

Essa divindade também estava associada à Lua e protegia os partos e as mulheres grávidas de doenças e dos maus espíritos.

Na década de 1960, surgiu uma corrente artística que queria mostrar a realidade da mesma forma que a fotografia, o hiper-realismo. As pinturas eram tão detalhadas, que, à primeira vista, parecia que estávamos diante de uma foto.

Duane Hanson é um dos grandes nomes dessa corrente na escultura. Suas figuras são feitas de materiais como fibra de vidro ou bronze. Ele mostra pessoas solitárias em ações cotidianas: um casal de idosos, a dona de casa com suas compras, a mãe com o filho no carrinho de bebê, a mulher da limpeza. Hanson usava como modelo pessoas comuns e prestava muita atenção a cada detalhe, desde a cor da pele, os pelos do corpo, as veias, as rugas até os machucados. Essas figuras confundiam os observadores que as tomavam por pessoas reais. O artista nos fazia olhar para o que está ao nosso redor e refletir sobre nosso modo de vida.

Patricia Piccinini (1965) nasceu em Serra Leoa, na África. Com sete anos, ela se mudou para a Austrália com a família. Estudou pintura, mas é conhecida por suas esculturas.

A artista segue a linha dos escultores hiper-realistas, como o americano Duane Hanson e o australiano Ron Mueck. O segundo, filho de fabricantes de brinquedos, utiliza materiais como resina, fibra de vidro, silicone e acrílico para reproduzir fielmente cada detalhe da anatomia humana e surpreende porque, de forma poética, altera as escalas, ampliando ou reduzindo muito o tamanho dos corpos.

O interesse de Piccinini pela ciência surgiu quando sua mãe sofreu de câncer. Mães e filhos povoam seu universo. Os seres abraçam, embalam, amamentam, brincam e acarinham com o olhar. A artista critica o Dr. Frankenstein, não por intervir na natureza e criar um novo ser, mas por ter falhado como pai.

Você já ouviu falar de REALISMO FANTÁSTICO? É um termo que surgiu na literatura, usado quando coisas irreais e estranhas acontecem, mas são tratadas como fatos corriqueiros do dia a dia. Piccinini inova, trazendo esse estranhamento: são seres tão reais, mas não são catalogados.



Patricia Piccinini
De bruços (Prone), 2011
Silicone, fibra de vidro,
cabelo humano, feltro
70 x 70 x 30 cm
Foto Studio Patricia Piccinini



A pele dessa escultura é de silicone com aparência real. O rosto e os braços têm características humanas e símias, mas o corpo é de um menino, e os cabelos, de verdade. Diferente de uma escultura tradicional, que tem sua veste esculpida ou modelada junto ao corpo, as de Piccinini podem trocar de roupa como nós. A mão direita está levantada, e os olhos, fixos na ave. A artista deu à obra o título *O golpe*. Se essa imagem congelada fizesse parte de um filme, o que você acha que aconteceria no momento seguinte?

**"O mundo que crio
existe em algum
lugar entre o que
conhecemos e o que
está quase sobre
nós (a imaginação,
ou o futuro)."**

Patricia Piccinini

A young boy with a prosthetic right arm is shown from the waist up, holding a blue parrot on his prosthetic hand. He is wearing a blue and white plaid shirt over a dark blue t-shirt. The background is a white brick wall.

Patricia Piccinini

O golpe (The coup), 2012
Silicone, fibra de vidro,
cabelo humano, roupas,
papagaio taxidermizado
116 x 60 x 55 cm

Foto Graham Bearing

Em 1997, um cientista conseguiu colocar uma orelha humana nas costas de um rato, buscando bons resultados para implantes. Quando Patricia viu a notícia sobre esse rato-orelha ou orelha-rato, começou a imaginar trabalhos para nos fazer pensar sobre coisas e seres que podem ser criados pelos cientistas e sobre o uso deles.



**Se você
encontrasse
esse filhote,
teria vontade
de acariciá-lo?**



Para onde seu olhar é atraído nesta obra? Repare na variedade de texturas e estampas. A blusa tem dois padrões florais, o short é jeans, a calça elástica é listrada. A pele da menina é demasiadamente peluda. A posição da figura, sentada com os pés afastados e os joelhos unidos, conduz nosso olhar para a criatura no centro. Ela é clara, lisa e nua, contrastando com o restante e fisgando nossa atenção. Parece ser um filhote aninhado no colo da menina. Quando observamos os pequenos pés gorduchos, arredondados como aqueles dos recém-nascidos, automaticamente completamos a imagem de um bebê. Porém, esse ser não possui olhos, e sua cabeça assemelha-se a uma mão. Do rosto, permanece apenas uma boca de lábios carnudos.

Patricia Piccinini

A confortadora (The comforter), 2010

Silicone, fibra de vidro, aço, pele de raposa, cabelo humano, roupas

60 x 80 x 80 cm

Foto Graham Bearing





Essa escultura mescla:

- Objetos reais - cama, travesseiro e roupa;
- Seres que conhecemos - um pavão e uma menina;
- Uma criatura fantástica que, por sua vez, também é uma mistura de humano com animal.

A menina está brincando com esse ser que possui garras. Eles estão sorrindo um para o outro. O pavão que observa a cena é um animal associado à vaidade, mas, por outro lado, simboliza beleza e poder, imortalidade, paz e prosperidade. Qual será o símbolo desta ave aqui?

Patricia Piccinini

O visitante bem-vindo (The welcome guest), 2011

Silicone, fibra de vidro, cabelo humano, roupas,
pavões taxidermizados

Dimensões variáveis

Foto Andrew Curtis



Complete essa palavra cruzada que tem nomes de seres fantásticos, híbridos e mutantes.

1 – Diz o mito que as _____ eram mulheres que ofenderam Afrodite (deusa da beleza e do amor) e tiveram, como castigo, seu corpo transformado, tornando-se metade mulher e metade peixe. Elas seduzem os marinheiros com seu canto para depois arrastá-los até o fundo do mar.

2 – Na ilha de Creta, havia um enorme labirinto construído pelo arquiteto Dédalo. Dentro dele, morava o _____, uma criatura metade homem, metade touro. Ele foi vencido por Teseu que, com a ajuda de um novelo de lã, conseguiu entrar e sair do labirinto sem se perder.

3 – São seres mitológicos com corpo de cavalo e tronco e cabeça de ser humano. Quíron foi o mais sábio e justo deles e, quando morreu, Júpiter colocou-o entre as estrelas, como a constelação do Sagitário. O nome latino, Sagittarius, significa “arqueiro”, sendo representado como um _____ armado de arco e flecha, com a ponta voltada para o Escorpião.

4 – _____ é um deus muito antigo da mitologia grega. Mediava disputas que envolviam a paz e a guerra, os amores dos deuses e os interesses gerais do mundo, seja no Olimpo (morada dos deuses), na terra ou no Tártaro (submundo). Era o padroeiro dos viajantes e dos comerciantes, além de intérprete dos deuses, porém sua principal função era a de mensageiro, percorrendo as distâncias com velocidade. Os romanos o chamam de Mercúrio. Tem aparência humana, mas possui asas nos pés.

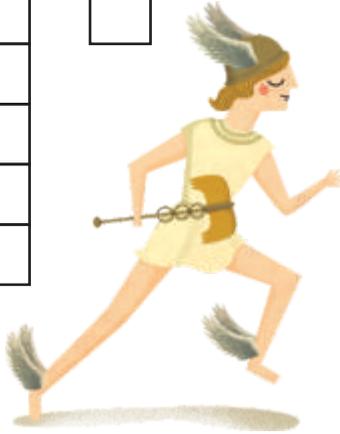
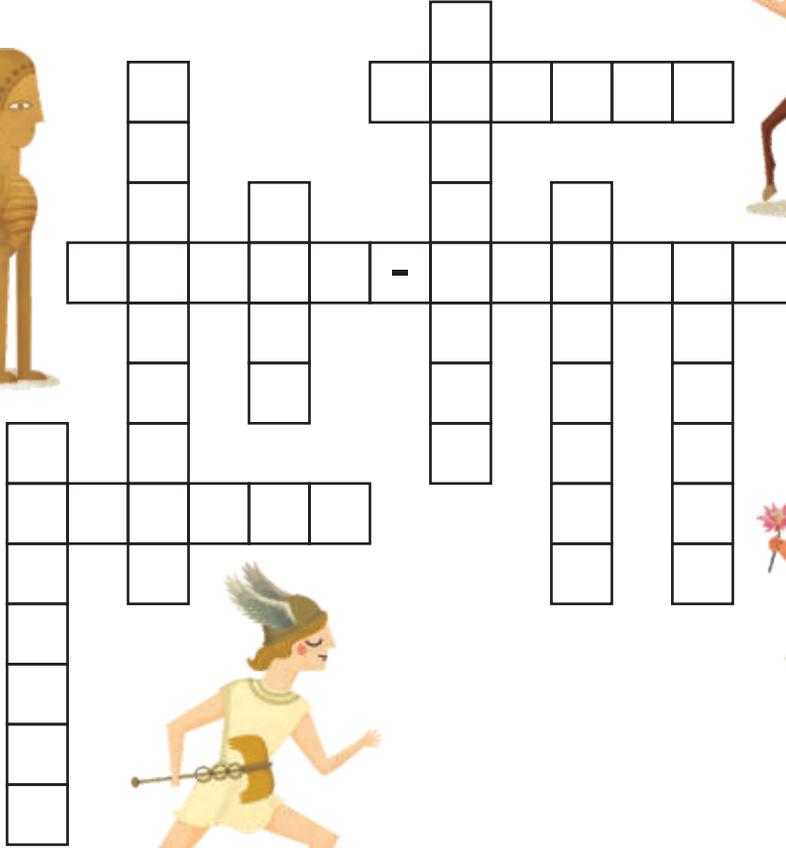
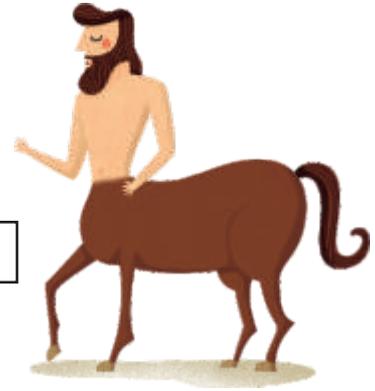
5 – Esse super-herói é um personagem das histórias em quadrinhos que depois virou estrela de cinema. Um adolescente comum, criado pelos tios, um dia é picado por um inseto radioativo e desenvolve habilidades. O _____ é um ser mutante.

6 – Na religião hindu, é o deus da sabedoria, que traz sorte e remove obstáculos. _____, tem cabeça de elefante e um corpo humano com quatro braços. Seu transporte é um pequeno rato. É um dos deuses mais populares na Índia. Suas grandes orelhas lhe conferem a habilidade para escutar e denotam sabedoria.

7 – Seu rosto é feio, mas o coração é bom. Transformado por um feitiço, esse personagem dos contos de fadas é condenado a viver sob a forma de uma _____.

8 – A _____ era um ser alado com corpo de mulher e cabeça de leão. Para não ser devorado por ela, era necessário decifrar o enigma: “Que animal anda pela manhã sobre quatro patas, à tarde, sobre duas, e à noite, sobre três?”.

9 – _____ tem um rosto de mulher, mas, no lugar do cabelo, serpentes com presas afiadas. Quem olhava para ela era transformado em pedra. Quando sua cabeça é cortada pelo herói Perseu, nasce, de seu pescoço, Pégaso, o cavalo alado.



- Respostas:**
- 1 - Sereias
 - 2 - Minotauro
 - 3 - Centauro
 - 4 - Hermes
 - 5 - Homem-aranha
 - 6 - Ganesha
 - 7 - Fera
 - 8 - Esfinge
 - 9 - Medusa



**Já ficou com
medo na hora
de dormir e
quis deitar
com sua
mãe?**

Observe essa criatura abraçando a criança. Repare nos seis filhotes que estão em bolsas, como as dos cangurus, em suas costas. Alguns filhotes parecem estar mais avançados na gestação, porque são maiores, mais definidos e têm pelos. Esses filhotes nos contam que estamos diante de uma mãe. A dúvida é: será que o menino faz parte dessa família?

Piccinini não faz como os escultores antigos que esculpiam a pedra com o martelo e o cinzel. Reconhecemos um artista por suas ideias. Tal como um arquiteto que faz o projeto de uma casa, mas não constrói as paredes, um artista não precisa produzir com suas próprias mãos. Piccinini desenha todas as suas esculturas, mas quem as executa são profissionais que criam efeitos especiais e objetos para o cinema.

As crianças que vemos nas obras de Patricia foram inspiradas em meninas e meninos reais. A artista conhece todas elas. São seus filhos e filhos de amigos.



Patricia Piccinini
Indivisa (Undivided), 2004
Silicone, cabelo humano, tecido de flanela
101 x 74 x 127 cm
Foto Graham Bearing



"Somos cercados por modificações genéticas escondidas em nossos alimentos e animais, sem ao menos nos darmos conta! Meu mundo é mais repleto de perguntas do que de respostas. Eu não induzo o visitante a pensar em qualquer coisa sobre engenharia genética, mas pergunto como ele se sente frente a essas possibilidades."

Patricia Piccinini

Diz a lenda que a cidade de Roma foi fundada pelos irmãos gêmeos Rômulo e Remo, que foram deixados em uma cesta ainda recém-nascidos. Eles teriam sobrevivido ao serem amamentados por uma loba que os criou como seus filhotes. Essas relações de afeto entre diferentes espécies são comuns na natureza, como cadelas que adotam filhotes de gatos. Um exemplo curioso é o hábito do pássaro chupim, que deixa seus ovos no ninho de outras espécies para serem chocados e alimentados. A ave mãe adotiva continua a alimentá-lo, mesmo que o chupim fique maior do que ela.

Uma macaca e uma loba já adotaram bebês humanos na ficção. Quem nunca viu *Mogli*, *o menino lobo* e *Tarzan*, *o rei da selva* em filmes ou desenhos animados? Essas duas histórias saíram das obras *O livro da selva*, de Rudyard Kipling, e *Tarzan dos macacos*, de Edgar Rice Burroughs, ambos escritores do século XX.

A criatura ao lado tem características humanas e de um macaco. O bebê no colo está sendo amamentado. No chão, estão malinhas azuis. O que pode estar guardado nelas? A quem será que elas pertencem? Malas carregam roupas e objetos de uso pessoal. No entanto, a figura feminina adulta está completamente despida. Observe sua expressão. Como ela se sente?

Patricia Piccinini

Grande mãe (Big mother), 2005

Silicone, fibra de vidro, couro, cabelo

humano, poliuretano

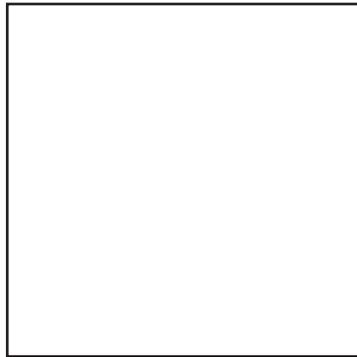
175 cm de altura

Foto Graham Bearing

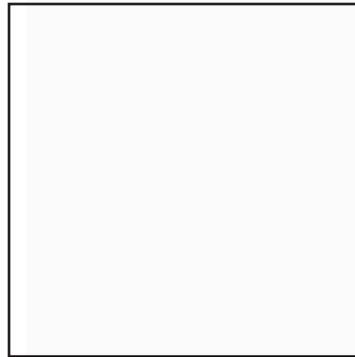


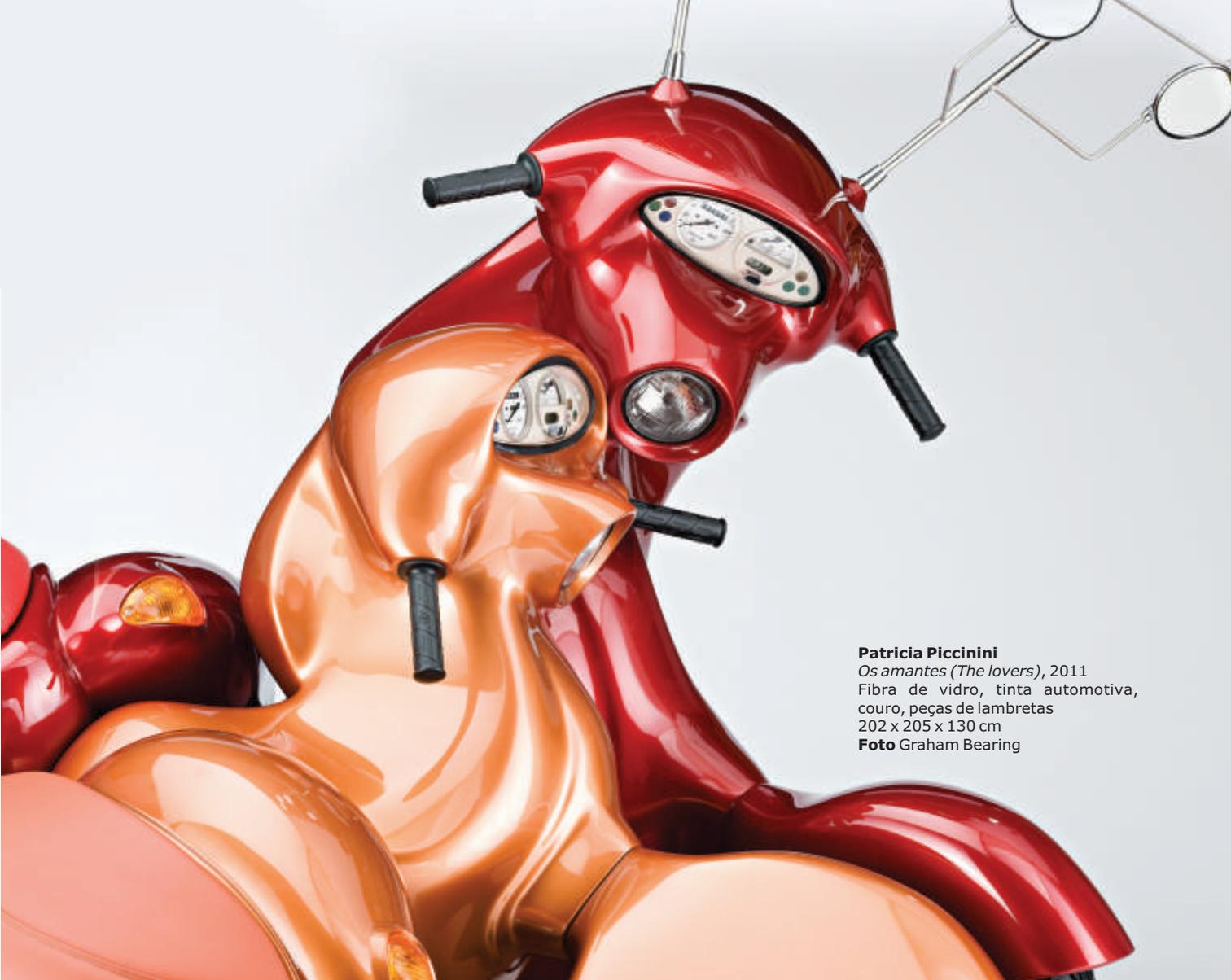
Piccinini também cria híbridos que misturam máquinas com seres vivos. As máquinas são construções do homem, feitas para atender a alguma necessidade humana. Elas não têm emoções, mas essas lambretas talvez sejam diferentes. O nome desse trabalho é *Os Amantes*. O que você acha?

Desenhe nos quadros qual máquina e qual animal podem ter dado origem aos seres abaixo:



+





Patricia Piccinini

Os amantes (The lovers), 2011

Fibra de vidro, tinta automotiva,

couro, peças de lambretas

202 x 205 x 130 cm

Foto Graham Bearing

**O título da obra é *O tão esperado*.
O que você acha que os dois
aguardam?**



Patricia Piccinini
O tão esperado (The long awaited), 2008
Silicone, fibra de vidro, couro, cabelo humano,
roupas
92 x 151 x 81 cm
Foto Graham Bearing

A senhora deitada no colo do menino tem cabelos brancos e pele enrugada como a de uma idosa. Ela possui as formas de um dugongo (mamífero da família do peixe-boi) – seu corpo é robusto, maciço e, no lugar dos pés, há um rabo de sereia.



Dugongo

A princípio, você pode ficar assustado, curioso e intrigado, mas, num segundo momento, o que achamos diferente pode estar mais próximo do que pensamos.





Uma pilha de cadeiras de dois metros de altura com uma criança no alto. Será que vai cair? Você diria: “cuidado!”? A expressão ingênua daquele rosto ignora o perigo. Do alto, ela se distancia das pessoas. Por que será que sobe até lá? Amontoadas como estão, umas sobre as outras, as cadeiras e a criança parecem fazer parte de um mesmo todo. As cadeiras sustentam um corpo, tal como a nossa coluna vertebral. Rodeando-a, exploramos pontos de vista que podem mudar a compreensão do que vemos. Seria um organismo vegetal? Um animal? Um inseto articulado, como uma lacraia?

Quem é o observador?

Patricia Piccinini

O observador (The observer), 2010

Silicone, fibra de vidro, aço, cabelo humano, roupas, cadeiras

220 x 140 x 48 cm

Foto Graham Bearing





PATROCÍNIO
Banco do Brasil

REALIZAÇÃO
Centro Cultural Banco do Brasil

PRODUÇÃO
Sapoti Projetos Culturais

COORDENAÇÃO GERAL
Daniela Chindler

COORDENAÇÃO GERAL DE PRODUÇÃO
Fernanda Saul
Flavia Rocha
Gabriela da Fonseca

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA
Fernanda Galvão

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA
Karen Montija

COORDENAÇÃO DE AÇÕES EDUCATIVAS
Luciana Chen

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Natália Salles

ESTAGIÁRIO DE PRODUÇÃO
Fabiola Ortiz
Karine Holzmann

EDUCADORA SAPOTI
Bruna Pessoa

EDUCADORES GRAVIOLA
Bruno Ramos
Fernanda Tessaro
Izabela Mariano
Roberto Santos
Luciano Leis

ESTAGIÁRIOS
Alexandre Taiki
Beatriz Martins
Bruna Emiliano
Bruno Lourenço
Diemily dos Santos
Jéssica Policastro
Letícia Malheiro
Lucas Puccini
Lucas Cominato
Maíra Sciuto

INTÉRPRETE DE LIBRAS
Anne Carolinne Magalhães

MATERIAL EDUCATIVO
REDAÇÃO E PESQUISA
Daniela Chindler
Luciana Chen

REVISÃO
Marcela Lima

ILUSTRAÇÃO
Bruna Assis Brasil

PROJETO GRÁFICO
André Ferreira Lima

EXPOSIÇÃO
COMCIÊNCIA - PATRICIA
PICCININI
12/10/2015 a
04/01/2016

CURADORIA
Marcelo Dantas

PRODUÇÃO
Magnetoscópio

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Angela Magdalena
Madai Produções

CCBB São Paulo
Rua Álvares Penteado, 112
Centro SP –
Próximo às estações do Metrô Sé e
São Bento

Informações
(11) 3113-3651
bb.com.br/cultura

Agendamento de grupos
(11) 3113-3649
Recomendação etária a partir de 05
anos.

SAC
0800 729 0722

Ouvidoria BB
0800 729 5678

Deficiente auditivo ou de fala
0800 729 0088

Alvará de Funcionamento nº
2015/12479-00 Auto de Vistoria
do Corpo de Bombeiros nº
104180



Educativo

Produção

Apoio

Material elaborado para distribuição gratuita.



Realização



Ministério da
Cultura

